



TRIBUNA Livre

13
ABRIL
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

Director: PAULO BARBOSA DE MACEDO Impressor: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA João Barbosa de Macedo
Proprietário: IGNÁCIO BARBOSA DE MACEDO Cbtoposteiros, Impressão e Redacção: LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 52112 - AMARES

Conferência dos semanários CATÓLICOS E NACIONALISTAS

A fim de trocarem impressões sobre assuntos respeitantes aos seus jornais, reuniram, na passada terça-feira, em Braga, os representantes dos jornais católicos e nacionalistas do distrito.

Foi resolvido fazer a reunião à última hora e, daí, o facto de nem todos os jornais estarem presentes, por não terem sido avisados, sabendo-se, porém, desde já, que a ideia de reuniões periódicas foi recebida com alvoroço e que na próxima, a efectuar em breve, teremos a presença dos restantes.

Estavam presentes: o sr. Padre Alberto Rocha Martins, pelo "Jornal de Barcelos"; os srs. Padres Manuel Gonçalves Diogo e António Peixoto, pelo "Vilaverdense"; o sr. Doutor José Bernardino Amândio, pelo "O Cávado"; o Professor Manuel Veloso Gomes, pelo "Estrela do Minho"; o Padre Albino José Fernandes Alves, pelo "Póvoa de Lanhoso" e os srs. António José da Costa e João Barbosa de Macedo, pela "Tribuna Livre".

Todos os presentes foram unânimes em reconhecer que

no nosso distrito se verifica um lamentável divórcio entre a imprensa local e o poder administrativo. A colaboração dos jornais sempre pedida quando é precisa e sempre dada generosamente, é, todavia, lamentavelmente esquecida quando se pode prescindir dela, e as suas sugestões, por mais justas e construtivas não merecem reparo.

—Os constantes elogios

(Continua na 4.ª página)

Rendeu cerca de 200 contos e teve a presença de 250 carros de oferendas o cortejo a favor das obras de restauro do Santuário da S.a da Abadia

Não nos foi possível, no último número deste jornal, dar uma ideia exata do cortejo realizado na freguesia de Bouro em benefício do Santuário da Senhora da Abadia em virtude do dia da sua realização e da hora a que o mesmo acabou.

A nossa notícia foi um resumo no qual dávamos já conta da agradável surpresa que a grande manifestação de bem fazer nos havia causado.

A Confraria a que preside o Sr. Carlos Augusto Gonçalves e que tem como directos colaboradores os Srs. José Manuel da Mota, António José Antunes de Almeida, Adelino Augusto Pereira, João Manuel da Silva, e Manuel Joaquim Dias, respectivamente, tesoureiro, secretário e mordomos, viu coroada de êxito a sua iniciativa a abrir-se-lhe, por força do rendimento do cortejo, a possibilidade de realizar a sua justa aspiração.

Numa tribuna erguida num local escolhido no Largo de Bouro tomaram lugar: Ossrs. Carlos Augusto Gonçalves, Juiz da Mesa da Confraria Dr. Manuel Arantes Rodrigues Juiz Municipal, Dr. José António de Sousa Fernandes, médico, Padre Francisco Antunes de Almeida, Capelão do

(Continua na 3.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

Continuação do número anterior

Sá de Miranda expande o seu sublime conceito sobre o mundo, a vida e o homem, nas relações com o seu Próximo fruto da sua mais profunda observação:

*Falas me nos animais
A que nós brutos chamamos,
E guardão leis naturais
Nos outros nós as guardamos,
Mais creus que leões bravos
Que entre si guerras não tratão,
Não se perdem nem se matão
Nem se vendem por escravos.*

*Não vão as águas tingidas
Do seu sangue, se pelejão.
Não vêm as aves erguidas
Onde às aves manjar seirão.
Por mercês tão desiguais
Não tem repartido a terra
Que um tenha de serra a serra
Outro tenha dous tojais.*

*Não ves que, por ña gralha
Que outras vêm que se querela,
Acodem mil em batalha...
Juntas por salvar aquella?
Em ouvindo algum grunhir
Os porcos, que porcos são,
Não vês com que estrondo vão
Correndo por lhe acudir?*

*Vem voando à morte certa
Por todas a ousada abelha.
Quando a dor o filho aperta,
Embravece a mansa ovelha.
Entre nós verás ao pai
Guerra ao filho, e, contraíro,
O pai ao filho é contraíro
Contra irmão outro irmão vai.*

(Continua na 6.ª página)

Miséria....

Nunca é demais falar nos problemas que legam ao nosso concelho um pesado passivo em relação ao resto do País.

O Concelho de Amares, lindo como poucos neste Minho verdejante que «veste laranjais floridos do seu constante Abril», searas viçosas e frondosos pinhais, prados alcatijados e águas mil, é o torrão onde labuta um povo dócil, submisso e hospitaleiro. Rico nos seus históricos monumentos e santuários, cruzado e visitado por milhares de turistas,romeiros e aqvistas, mas esquecido dos seus filhos de antanho, onde se contam heróis e guerreiros, fidalgos da corte e homens de letras, «de antes quebrar que torcer», vejeta, abandonado e descrente.

Miséria.... miséria ma-

terial e espiritual.

Enquanto atravessa o País, uma onda de progresso, graças à política financeira de Salazar, e ao poder criador e renovador dos homens do Estado Novo, enquanto o c-

(Continua na 4.ª página)

Numa palestra acompanhada de projecções o Engenheiro Agrónomo

Medina Monjardino,

REFERIU A MELHOR MANEIRA DE FERTILIZAR OS CITRINOS

Convidado pela Direcção do Grémio da Lavoura de Amares, deslocou-se na passada quarta-feira, a esta Vila, o sr. Engenheiro Agrónomo Rafael Medina Monjardino, Director dos Serviços Agronómicos da Com-

panhia União Fabril de Lisboa.

A real categoria do palestrante levou ao salão dos Bombeiros Voluntários numeroso público que se interessou pela dissertação e pelas projecções com que acompanhou a sua longa narração.

De princípio foram indicadas as diferentes maneiras de dar à terra todas as condições de que ela carece para transmitir à planta as condições necessárias ao seu perfeito desenvolvimento.

(Continua na 4.ª página)

O Estado de São Paulo visto através de um Grande Diário

Tivemos o prazer de receber notícias do nosso estimado amigo Luis de Sousa, correspondente deste Semanário que, como nôticiamos, foi em viagem ao Brasil, onde, segundo nos diz, tem vivido horas inesquecíveis.

Com as suas notícias enviou-nos um jornal como nunca tínhamos visto e não admira, porque é, segundo nos informa, o maior da América do Sul e o terceiro ou quarto do mundo em grandiosidade e importância.

Efectivamente, o grande periódico que temos entre mãos con-

tem 36 páginas e ainda dois suplementos: O Feminino com 16 páginas e o Agrícola com 20; mas é mais extraordinário o que nos diz Luiz de Sousa, quando nos refere que ao domingo este importante Jornal atinge por vezes 200 páginas e mais.

Temos de concordar e qualquer um tem de compreender que o Estado de S. Paulo — tal é o título do jornal em causa — constitui uma monumental obra do génio latino, ou mais propriamente do génio luso, que nos honramos

(Continua na 5.ª página)

NOVO ARCIPRESTE

Foi nomeado arcepreste de Amares o sr. Padre Manuel Matias Pereira do Lago e Costa, pároco de Santa Maria de Bouro, deste concelho.

Desejamo-lhe facilidades e felicidades no novo cargo.

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

EDITORIAL

ALFRED HITCHCOCK E A EMOÇÃO

III

«Suspense», humor, mistificação eis os termos familiares aos espectadores de cinema desde que os filmes de HITCHCOCK são projectados em França com um sucesso e retumbância que não deixam de crescer.

É assim que Philippe Collin nos impõe, a propósito da análise ao filme O TERCEIRO TIRO publicada no n.º 59 de «Téléciné»—uma das melhores revistas sobre crítica cinematográfica que se publicam em França—a popularidade e admiração que o espectador francês dedica ao célebre cineasta, de quem muito se escreve hoje, quer a favor, quer contra—como é natural.

Cremos ter definido bem claramente a nossa opinião a respeito de Alfred Hitchcock. Não transigimos dessa atitude favorável nem mesmo quando nos chegam às mãos escálpeladas do tom e força das do categorizado crítico Jaime Rodrigues Viana, como lemos no n.º 150, vol. 16.º de «Vértice», de Março de 1956.

E essa nossa atitude cimentada-se numa razão bem simples. O director de *A Chamada para a Morte* não trabalha para sua própria glória (como acontece com a maioria dos cineastas latinos que apenas pretendem detender um nome ou uma escola, impor o seu gosto a determinada elite), na ambição, no desejo, no interesse de se cobrir de miadas triunfais, apresentando-se nos Festivais nas pontas dos pés para que o vejam... Sendo larga e considerada a sua contribuição em prol do valor e importância do cinema, ele tem jús, de facto, à admiração que se lhe devota pelo respeito que tem pelo público, o anónimo espectador, através do qual pôde impor uma orientação artística que se locomotiza numa ideia assente e imperativa das relações sociais—na sua denominação mais ampla e extensa—perante o significado da arte. Daí as suas obras agradarem, serem sentidas e compreendidas por toda a gente que humanamente se emociona igualmente ao ler um livro de Hemyngway, ao parar os olhos num quadro de Lautrec, ou de olhos fechados, escutando uma ária napolitana.

Esta razão por nós apresentada certamente que será repudiada pelos sérios e inteirados estudiosos do cinema, para os quais são contam motivos deste jaez que não se encontram catalogados em nenhum manual de arte.

Não admiramos o artista ou o criador profissional, ou melhor dizendo: o indivíduo que não se identifica com o trabalho que elabora, que foge da humanidade em proveito de regras e postulados que o eunuquisam ou o transformam em altifalante de mensagem que só a poucos poderá favorecer. Admiramos, sim, aquele outro artista e criador que, elo duma humanidade a que está ligado, fala a língua de todos nós que constituímos essa humanidade, onde «suspense», humor, mistificação são termos familiares pelos quais um difere de nós se tornou um de nós, não só em França como em todo o mundo...

Nunca glorificado pelas Academias Festivais, sem óscares ou outros quaisquer troféus. Hitchcock, como Chaplin (também nunca galardoado pelas Academias), detem-se apenas com a consagração de todas as plateias onde os seus filmes são projectados. E isto porque Hitchcock, fazendo cinema de grande valor e cuidado artístico, senão esquece de que tem que dar ao público aquilo que ele próprio, como espectador, desejaria que lhe dessem como identificação de arte e não como arte de identificação.

O HOMEM QUE SABIA DEMAIS mantém incolume o ritmo processional que o tornou admirado, consagrado e famoso. Dicção majestosa, airoso, virtuosismo caligráfico na composição cinematográfica, para cuja identificação de linguagem não são necessários ângulos especiais. A câmara move-se ora em diagonal, ora em círculo, descrevendo, ali, uma maravilha panorâmica, aqui, um estado de espírito, uma alegria, uma angústia, um tormento ou uma dor ou um romper de alma trescalando felicidade. Tudo com simplicidade, singeleza, e, do primeiro ao último plano colados, uma obra que prima pela forma, pela toada, compacta, concreta em si mesma. No fim, um assunto bem tratado, uma história que empolgou um filme excepcional como excepcional é Hitchcock!

(Joaquim Monteiro Jorge)

Ideias e pensamentos

Cinema—língua iluminada e proteiforme, literatura gráfica, intuitiva, avassaladora como a vida.

O Cinema—a arte—não é uma distribuição, nem um prazer estético, nem sequer, um regalado moral; é mais alguma coisa: é alma que busca comunicação com outras; é emoção vestida de beleza; voz augusta para despertar espíritos.

António Guzmán

DARRYL F. ZANUCK eleito para o Conselho Administrativo da Century-Fox

Spyros P. Skouras, Presidente da 20th Century-Fox, acaba de anunciar que DARRYL F. Zanuck foi eleito membro do Conselho de Administração da 20th Century-Fox Film Corporation.

Zanuck, que o ano passado pediu a sua demissão do cargo de vice-presidente encarregado da produção da Fox, para se dedicar exclusivamente à produção independente, fará também parte do Comité financeiro da Companhia.

A Gloriosa carreira de Zanuck tem estado sempre ligada aos êxitos da Fox desde a fusão da 20th Century-Pictures com a FOX Film Corporation, em 1935. Presentemente, Zanuck está terminando a sua primeira produção, filmada na Inglaterra. Trata-se do filme UMA ILHA AO SOL, baseado na novela de Alec Waugh.

Durante a permanência na Century-FOX, como chefe dos Estúdios, Zanuck produziu os seguintes filmes, que tanto êxito obtiveram: *O Vale Era Verde*, *As Vinhas da Ira*, *Herança Cruel*, *A Luz é para Todos*, *Eva*, *As Neves de Kilimanjaro*, e *David e Betsabé*.

Três vezes titular do «Oscar Irving Thalberg» pelas suas notáveis produções, DARRYL F. ZANUCK continua ainda a ser um dos melhores produtores da indústria cinematográfica.

Por outro lado, Albert Cornfield, que durante sete anos exerceu, na Fox, as funções de director geral da organização europeia, foi há pouco designado para o cargo de supervisor na Europa Continental, Inglaterra e Próximo Oriente Médio, cargo que ocupa desde Janeiro do corrente ano.

John Lefebre, que trabalhava em colaboração com Cornfield, foi, por sua vez, nomeado director geral na Europa e Médio Oriente, cuja sede de centralização se encontra em Paris.

Por último, Oscar Lax, representante da FOX no Médio Oriente, passou a desempenhar as funções de ajudante de John

Lefebre, enquanto William Lampros assumirá a representação da Fox na Índia, Paquistão e Birmania, trabalhando em estreita colaboração com Edward Ugast.

A ÁRVORE DA VIDA

o mais recente filme de Edward Dmytryk

Edward Dmytryk terminou há pouco a direcção da película A ÁRVORE DA VIDA (Raintree County), interpretado por Montgomery Clif e Elizabeth Taylor.

A lendada Árvore da Vida é aquela velha história da antiguidade que nos conta o desejo imenso do homem em querer encontrar o inatingível. Sempre e através dos séculos, os poetas a contaram nas suas estrofes. A Árvore da Felicidade nos jardins paradisíacos de Eden... As maçãs doiradas da Árvore de Apolo que crescia no jardim, de Hesperides... A Árvore do Ouro que do Oriente foi transplantada misteriosamente para o coração do continente Americano,—uma árvore cujo fruto é o Amor, cujas flores são a compreensão, cujos ramos exprimem os prazeres de Bem e levam ao caminho da Paz!

Sorte, Felicidade, a realização de todos os sonhos do Homem, mesmo o segredo da própria Vida—tudo pertenceria àquela que tivesse a ventura de encontrar a ÁRVORE DA VIDA, que a *Metro Goldwyn-Mayer*, em 65 milímetros *Metro-color*, produziu.

O filme é baseado na novela de Ross Lockridge, Jr., com argumento de Millard Kaufman, numa produção de David Lewis.

RHONDA FLEMING num «Western» da Paramount

A encantadora artista Rhonda Fleming é natural da Califórnia e foi descoberta por um reputado descobridor de talentos de Hollywood. Frequentava ela nessa al-



Rhonda Fleming

tura a escola secundária de Los Angeles.

Rhonda Fleming é uma das mulheres mais lindas da tela, possuidora de olhos verdes sonhadores. É ruiva e a sua beleza está bem patente na fotografia que publicamos, que nos foi gentilmente enviada directamente da sede da Paramount.

Bastante nova ainda, Rhonda apaixonou-se pelo Teatro, representando várias peças na escola que frequentou. Entre outras coisas relacionadas com a arte de bem representar, a inesquecível intérprete de *A Princesa do Pequeno Nilo* estudou canto. Poderia muito bem estrear uma película musical com notável êxito. Todavia, o seu talento dramático obrigou-na a outros que-fazeres no Cinema, onde goza de singular reputação.

Assim, vamos vê-la brevemente no «western» em Technicolor produzido pela Paramount, SEM L

(Continua na 1.ª página)

Visado pela censura

TRIBUNA do CONCELHO

Aos filhos do concelho residentes fora dele A nossa colaboração para as festas a Santo António

As Festas que se realizam anualmente em honra de Santo António, atingiram uma tal projecção que merecem a ajuda de todos, por honrarem, não só a terra que as realiza, como o concelho.

Este ano não só se fazem dentro do âmbito dos anos anteriores, como se pretende alargar-lhe a importância, impondo-as ainda mais, se tal é possível.

As ornamentações serão garbadas e vistosas, o fogo será em quantidade apreciável e como Bandas de música teremos o que há de melhor no norte—Banda Marcial de Vila Verde e Banda da P. S. P. do Porto—bem coadjuvadas pela Banda dos B. V. de Amares.

Divertimentos de toda a ordem como, pista de automóveis, carruceis, torre voadora, barracas com vários géneros de divertimentos, Feira Franca e Concurso Pecuário, ranchos etc., etc.

Com tais Festas dispense a Comissão cerca de 50 contos, quantia deveras grande e que só pode ser arrecadada se todos colaborarem.

Como se trata de uma ma-

nifestação que honra o concelho não podemos deixar de lhe dar o nosso tributo.

Daí, a razão de apelarmos para os nossos estimados assinantes e leitores pedindo para se inscreverem na lista que vamos abrir neste local, e na qual colocaremos o nome dos colaboradores e as quantias com que o fizerem.

Dentro do concelho costuma fazer-se uma subscrição e não são esses que nos interessam.

O que queremos é que os façam os de fora, precisamente aqueles que estão atentos a todos os actos que dão nome à terra da sua naturalidade e não têm outra maneira de colaborar.

Não esqueça, pois, leitor, de que só a ajuda de todos pode permitir a realização de uma manifestação que nos dá nome e nos honra.

Envie o seu donativo na certeza de que o faz em benefício de uma organização grandiosa e depois venha ver a sua terra nos dias 13 a 16, inclusivé, ou lerá as notícias dos grandes festejos a Santo António.

bosa de Macedo, presidente da A. B. V. e Alexandre Oliveira, vereador municipal, a Banda dos B. V. de Amares e muitos milhares de fieis. No lugar estabelecido deu-se o «Encontro» com o andor de Nossa Senhora sendo proferido o sermão alusivo.

O cortejo tomou novamente o seu itinerário sendo no final proferido o Sermão do Calvário e aberta a cortina do Calvário, cerimónia evocativa de grande esplendor e significado.

Salvé dia 14-4-57

Amanhã passa o seu aniversário natalício o Sr. António Gomes, actuado proprietário de automóvel de aluguer nesta vila.

Por tão faustosa data, sua esposa, filhos, genro e netos, desejam-lhe muitas felicidades e longos anos de vida.

Salvé dia-11-4-57

Ocorreu no passado dia 11 do corrente o aniversário da menina Vera Lucia da Trindade Gonçalves, filha querida da Sr. D. Maria Fernanda da Trindade Fernandes Gonçalves e do nosso conterrâneo Sr. Domingos Lázaro Gonçalves, actualmente no Estado S. Paulo, Brasil.

«Tribuna Livre» deseja-lhe mil felicidades.

Rendeu cêrca de 200 contos e teve a presença de 250 carros de oferendas o cortejo a favor das obras de restauro do Santuário da S.^a de Abadia

(Continuação da 1.^a página)

Santuário da Senhora da Abadia, Padre Manuel Matias do Lago e Costa, de Bouro, Domingos Rodrigues e José dos Santos Mota, vereadores, Padre Armando Amadeu Barreto Marques, de Santa Marta, Padre Peixoto de Oliveira, José Manuel de Macedo etc.

O cortejo iniciou-se às 14 horas, com a freguesia de Friande, do concelho da Póvoa de Lanhoso que trazia à frente a banda musical de Bouro e uma mulher que montada a cavalo simbolizava a Maria da Fonte, rodeada de guerreiros.

Vida elegante

Aniversários

Terça-feira—A gentil menina Julieta da Assunção Martins Dias.

Quinta-feira — A menina Maria do Céu Machado, de Ciespos; e o sr. Gualdino Leite Ramos de Azevedo.

Falecimentos

Na freguesia de Fiscal—A Sr. Teresa da Silva, com 82 anos de idade, no passado dia 28 do mês findo;

Na freguesia de Amares—A Sr. Emilia Lopes Coelho Alvim Barroso, com 80 anos de idade, no passado dia 29 do mês findo;

Na freguesia de Rendufe—O Sr. António José Gomes, com 66 anos de idade, no passado dia 27 do mês findo;

Na freguesia de Figueiredo—A Sr. Glória de Jesus Coelho, com 44 anos de idade, no passado dia 3 do corrente;

Na freguesia de Caires—A Sr. Conceição de Jesus Rodrigues, com 55 anos de idade no dia 8 do corrente; e a Sr. Laura da Silva Tinoco, com 73 anos de idade, no passado dia 9 do corrente;

Na freguesia de Santa-Marta—A Sr. Patrocínia de Jesus Antunes, com 76 anos de idade no passado dia 9 do corrente;

Na freguesia de Ferreiros—O Sr. Álvaro Augusto Esteves da Silva, com 70 anos de idade, no passado dia 10 do corrente;

Seguidamente, um vistoso rancho e 17 carros além das crianças da escola cada qual com a sua dádiva.

Verim trouxe um rancho e uma caravela embandeirada de notas no total de 600\$00.

Seguiam-se depois as freguesias do Gerês e de Vilar da Veiga com uma camioneta de pinheiros e 2.400\$00 em dinheiro; Parada de Bouro, com 4 carros; Valdozende 13 carros e uma camioneta; S. João de Rei, esta também da Póvoa de Lanhoso, com 500\$00 Monsul e Aguas Santas, do mesmo concelho, com 300\$00 cada; Vilarinho, com 2 camionetas de madeira; Paredes Secas com 13 carros e diversos produtos agrícolas; Santa Isabel do Monte, que fica alcançada na montanha, com 32 carros de lenha, cercados pelas crianças da escola; Dornelas apresentou um carro com em docel sob o qual se exibiu a figura de D. Afonso Henriques seguida de um rancho minhoto dançando, e trouxe 13 carros com madeiras e 1.300\$00; o lugar da Ponte do Porto contribuiu com 1 carro; S. Paio de Seramil com 17 carros e outras ofertas de géneros; Amares com 1 camioneta de areia e outra de pedra e 1.200\$00; Vilela com 20 carros e 800\$00; Rio Caldo com 1 camioneta de madeira, géneros e 1.800\$00; S. Mateus da Ribeira com 650\$00.

A freguesia de Goães dividiu-se em dois grupos uma rivalidade útil apresentando em 7 carros e um rancho com 22 figuras e um outro 13 carros e um rancho com 26 figuras, bem ensaiadas e preparados, e, ainda, 600\$00.

Santa Marta do Bouro com 40 carros, um carneiro e 5.000\$00.

Além destas valiosas contribuições colectivas, muitas individualidades quiseram também colaborar no rendimento do cortejo com quantias em dinheiro. Assim, o sr. Francisco José da Silva ofereceu 1.000\$00; os snrs. João Baptista Fernandes, António Carlos Rodrigues de Azevedo, rev.º João de Deus Antunes Martins, Francisco Pereira da Cunha; a família Lago e Costa, Arnaldo Augusto Carneiro, ausente no Brasil, a sra. D. Isabel Barbosa de Macedo e o sr. António José Antunes de Almeida, secretário da Confraria, 500\$00 cada, grupo de rapazes bairristas de Bouro 1.020\$00; Pároco de Vilar da Veiga, 500\$00; Manuel Joaquim Vieira Fonseca 200\$00; Padre Manuel Pires de Almeida 200\$00; Manuel de Sousa Martins 200\$00; Manuel José

Esteves 300\$00; a freguesia de Prozelo 342\$00; S. João da Balança 432\$50. Parada de Valdozende 421\$00 e Caniçada 483\$40.

Durante o cortejo as instalações sonoras anunciaram a seguinte graça de N.ª S.ª da Abadia:

«Maria Filomena Rodrigues Martins de 2 anos de idade, filha de Artur Francisco Martins e de D. Maria Irene Rodrigues Martins natural de Serpa do Distrito de Beja, havia 4 meses que tinha o prolapso do recto e não tinha sido operada d'essa doença por falta de meios para pagar a operação.

No dia 3 do corrente a mãe da menina Maria Filomena ouviu a aparelhagem sonora de Bouro fazer o pedido de ofertas para Nossa Senhora da Abadia.

Impressionou-se com o que ouviu e veio-lhe à mente pedir à Virgem Senhora da Abadia que lhe curasse a menina

(Continua na 4.ª página)

HUMORISMO

Lindo entêrro

Fala-se do entêrro de um homem muito notável, mas famigerado caloteiro:

—Era incalculável o número de coroas que ele levava.

—Não admira. Só minhas levou ele umas seis... de pão fiado.

O pároco e os ladrões

Certo dia um grupo de ladrões assaltando um velho pároco pedindo-lhe um sermão que estivesse ao alcance de suas inteligências.

—Amigos, começou o bom do sacerdote, lastimo do coração a vossa triste vida.

Como nosso Senhor nasceste na pobreza, pois insultados constantemente, julgados e condenados.

—Bravo!... Muito bem! gritaram todos, satisfeitos com a comparação.

—Enfim, presados amigos, sofreis diante do público que vos ridiculariza os sofrimentos. Como Cristo descereis aos infernos e de lá não saireis, consistindo nisso a diferença entre a vossa morte e a morte do Cristo Deus.

No tribunal

Juiz — Porque furtou este relógio?

Ladrão — Julguei que fosse de ouro, mas já estou arrependido.

Miséria

(Continuação da 1.ª página)

perário tem melhor salário e o pobre é menos pobre, Amareis exporta os seus filhos e o pobre é cada vez mais pobre. Miséria. . . .

Não há um Hospital, uma creche, um asilo ou uma casa de caridade, uma cantina escolar, um refeitório económico, um lactário. Nada. . . miséria. . .

Aos sábados inúmeros pobres—velhos, alquebrados no fim da vida, sem um carinho e já mortos para ela, mulheres ainda novas com crianças ao colo, como acessório do ofício, cobertas de andrajos, e crianças famintas—a geração de amanhã—pedindo esmola. Miséria. . . .

Famílias numerosas vivendo num só aposento e num só leito—por vezes palha no chão nua—na maior promiscuidade, portadores de doenças contagiosas que convinha, separar e proteger; mas como. . . miséria, só miséria. . . .

Num gesto de revolta pega-se na pena; escreve-se iluminado pelos fachos da caridade e do bairrismo; sonha-se que este semanário, qual trombeta, fará ouvir a quem de direito a triste verdade, e intransigentes, vamos repetindo; isto não pode ser; isto não pode continuar. . . .

Sai o semanário, recebem-se aplausos, muito bem, mas nada. . . . 67 semanas tem o jornal, e nada. É a insensibilidade. Nas fronteiras do nosso concelho há uma barreira do som dife-

Eng. Medina Monjardino

(Continuação da 1.ª página)

Depois, o palestrante, servindo-se de inúmeras projecções, demonstrou como é grande o número de doenças que atacam a árvore e os frutos.

Apresentando os frutos ora inteiros, ora cortados a meio, mostrou as razões que originam as doenças e maneira de as combater.

Ainda com projecções apresentou pomares com diferentes anos de idade esclarecendo sobre a maneira como devem ser adubadas, qualidades e quantidades a usar de adubos.

Ouvindo com a melhor atenção e respondendo a perguntas feitas falou sobre a industrialização da nossa produção necessária para os mercados consumidores.

No final foi muito cumprimentado e a assistência tributou-lhe prolongada salva de palmas numa demonstração de apreço pela admirável lição que acaba de ouvir e que lhe trouxe novos conhecimentos sobre a maneira de tratar os laranjais, fruto em que a nossa região é tão rica,

rente do normal, impossível de transpor, mesmo a grandes velocidades.

Dentro das Fronteiras—miséria caro leitor—miséria material, moral e espiritual.

E' que, aquela miséria que vimos de referir, autentica, nua e crua, que faz vibrar as almas mais duras e os corações mais impedidos, veio juntar-se à miséria moral e degradante daqueles que alcandorados nos lugares de mando e portadores de penachos lustrosos, se esquecem de olhar para traz, de se reverem na sua obra de medir as suas faculdades de trabalho e de organização, de estabelecer um paralelo entre o que foi feito e o que é preciso fazer, e ainda, se têm colaboradores e possibilidades de o levar a cabo.

Enfim um exame de consciência—e agora estamos na quaresma—não esquecendo que o que não está feito a eles se deve, e que um povo que sofre, um concelho que definha, um pobre que esmoleja, e uma criança que pede pão, pode ser fruto da sua criminosa inércia, do seu vicio de mando, e até a desordem nos espiritos num concelho onde tudo está por fazer.

Lembrem-se os responsá-

veis, antes que seja tarde, que todo o sofrimento tem em limite.

Sejamos realistas:

Porque não temos um hospital, se temos importantes legados, e se verificamos que 4 freguesias do Concelho em cortejos de oferendas conseguiram reunir, para obras paroquiais, cerca de 350 contos?

Porque não temos um asilo, se temos tantos indigentes na mais extrema miséria?

Porque não temos uma creche, se há tantas crianças que dela necessitam?

Porque não temos uma repartição pública condigna, um caminho em condições, um metro de terra à venda para construções, a abertura dum rua, dum caminho, uma obra em projecto ou um esboço sequer de actividade construtiva, que nos deixe uma leve sensação de progresso, de vida nova, se para tudo podemos contar com o Estado?

Se não fazem ou não podem fazer como afirmam, deixam o lugar a outros, tirem de si as pesadas responsabilidades que lhe cabem, dum passado que pode fixá-lo na história do concelho como testemunho do seu mais desgraçado e pernicioso servidor.

Se assim não pensarem e se assim não procederem, ou não houver quem superiormente se compadeça deste concelho teremos:

Miséria, sempre miséria humana.

Cortejo da S.ª Abadia

(Continuação da 3.ª página)

e que lhe daria, o que tinha de valor e muita estimação, as suas argolinhas d'ouro.

Na manhã seguinte dia 4 de Abril corrente a menina estava curada.

Veio no dia 5, dia do cortejo, com a menina ofertar as argolinhas e agradecer à Santíssima Virgem, Nossa Senhora da Abadia, tão grande graça.

Ao finalizar do cortejo o Rev.º Manuel Martins do Lago e Costa dirigiu uma saudação a todos os presentes inalterando os feitos da Senhora da Abadia e a generosidade das suas graças.

Assim acabou uma jornada inesquecível pela sua grandiosidade e pelo seu significado em que o povo generoso do nosso concelho respondeu ao apêlo da Mesa da Confraria traduzido nestas palavras que aqui arquivamos.

«A Senhora da Abadia, pela sua origem, por recordar episódios notáveis da nossa História e vir, de há nove séculos, revelando e evidenciando a sua assombrosa sobrenaturalidade, reclama e sobejamente merece o extremo desvelo de todos os que têm fé e amam a tradição.

Mesmo antes dos primórdios da Nacionalidade, aqui, neste tão pitoresco recanto da montanha, principiou o culto—talvez o primeiro da Península—à S.ª Virgem. Aqui veio depois Afonso Henriques supli-

car a protecção da Senhora da Abadia para os seus guerreiros que nos Arcos de Valdevez; se iam degladiar com os Leoneses. Foram ovidos as suplicas do moço Príncipe e coube aos Portugueses a vitória, coroada, daí a pouco, com o reconhecimento da independência de Portugal.

As graças e mercês, obtidas em todos os tempos por intercessão da Senhora da Abadia, atestam-no-las — os ex-votos, o Santuário, as capelas, etc.. Que mais seria preciso para que todos os Portugueses se interessassem por tão venerável culto e pelo progresso da Abadia.

A resposta foi concludente e dela, estamos certos, vai surgir o revigoramento da fé naquella que acompanhou e anunciou os primeiros passos de Portugal.

A Pirâmide

(Continuação da 6.ª página)

de entrada e a galeria descendente, marcam o anp 2513 da pirâmide (1486 antes de Jesus Cristo). E' a data exacta do exodo dos hebraicos; Jesus Cristo nasceu portanto, segundo esta demonstração, não no ano cuja contagem se seguiu, mas quarenta anos mais cedo. Essa data está indicada na pirâmide, pelo nível do solo da «Câmara da Rainha». Jesus Cristo morreu, assim o indica a soleira da grande galeria, a 7 de Abril 33.

Voltemos rapidamente ao nosso tempo. O abaixamento do tecto da grande galeria, corresponde ao nosso ano de 1844. O autor observa que é a época em que os caminhos de ferro iniciam a idade mecânica e a do rebaixamento do espiritalismo; as catástrofes ocasionadas pelas aberrações físico-químicas, são simbolizadas pela primeira passagem baixa.

Ficaremos surpreendidos, talvez, pelo facto de que a entrada dessa passagem difícil se refere à data de 4 a 5 de Agosto de 1914 e a saída, de 10 a 11 de Novembro de 1918. A segunda passagem termina em relação à data de 29 de Março de 1928. E estamos no caos económico. . . Entre essas duas etapas desastrosas, passamos pela sala do triplo véu e deu-se a trégua. Eis-nos agora, desde o dia 15 a 16 de Setembro de 1936 (na verdade nada observei de particular nesse dia) no limiar da «Câmara do Rei».

Que irá acontecer agora? Provavelmente um renascimento espiritual, diz M. Batabani que nota outra seis importantes datas, marcadas adiante na grande pirâmide. Notemo-las com atenção. São elas 20 de Agosto de 1938, 27 de Novembro de 1939, 3 a 4 de Março de 1945, 18 de Fevereiro de 1948 e 20 de Agosto de 1953 e por fim, vagamente, de Julho a Dezembro de 1992. O autor julga que nessa ocasião o mundo começará um novo milénio, quer dizer, um novo ciclo de mil anos, uma era de paz e de felicidade.

Desejamo-la sinceramente aos nossos descendentes. . .

Rhonda Feleming

(Continuação da 2.ª página)

E SEM ALMA (Gunfight At The OK Corral).

Por outro lado, Rhonda aparacer-nos-á na comédia baseada na vida do célebre Buster Keaton (Pamplinas), intitulada O PALHAÇO QUE NÃO RI, também produzida pela Paramount.

Conferências dos semanários

(Continuação da 1.ª página)

verbais e as não menos numerosas saudações à imprensa, por todo o país significando colaboração, são entre nós complemento de discursos, aliás sem significação na prática.

A imprensa, vivendo mais perto do povo, e das terras, auscultando-lhe a opinião e conhecendo-lhe as necessidades apresenta as suas sugestões mas por mais escrupulo e seriedade posta nos casos não surge ao menos uma diligência.

Há casos gritantes, em que as faltas são tão graves que a não solução pressupõe conivência o que desnorreia os espiritos.

A imprensa tem colaborado e quer fazê-lo mas num sentido construtivo em que

a sua alta missão se compreenda e se retribua irmanamente.

Nós somos os primeiros a censurar as notícias e a evitá-las, quando ferem, mas não as podemos evitar quando estão em foco os altos interesses dum terra ou de várias terras, de um grupo ou da sociedade.

Mas temos que sentir desgosto quando numa noticia se prova que num concelho a simples negligência de uma Câmara, em não notificar no prazo uma empresa, evitou que se electrificassem várias freguesias por 22 contos, o que, agora, por sua conta, custa 800 contos.

E isto foi outro dia e se mencionou já várias vezes sem que viessem dar uma satisfação ao público evitando que ele pressuponha razões graves e tristes.

Mas nós, servidores fieis e de longa data do Regime, crentes de uma politica saudável e realizadora de um Chefe incontestado, acreditamos que o nosso distrito se enquadrará no plano geral do país.

Os homens não-de comprometer-se da nossa razão e do nosso desinteresse e, acima de tudo, do nosso escrupulo.

Ninguém melhor que os semanários e quinzenários do distrito, católicos e nacionalistas sem máculo para reporem uma situação que facilite a nossa missão.

J.M.

O ESTADO DE SÃO PAULO

(Continuação da 5.ª página)

Desempenha neste importante sector, preponderante papel a Casa de Portugal, bem como o programa «Horas Portuguesas», destacado empreendimento de divulgação da música portuguesa, que tem alcançado assinalado exito. Na aula inaugural do Curso de História de S. Paulo, o professor Dr. Tito Lívio Ferreira escolheu este honroso tema para os portugueses: «A ciência náutica dos portugueses na época dos grandes descobrimentos marítimos».

Não admira que nesta progressiva terra se viva intensamente a civilização portuguesa que fez brotar do colégio de Piratininga, erigido pelo Padre Manuel da Nóbrega, a cidade de S. Paulo, essa esplendente joia do Brasil, grande centro irradiador de progresso material e moral.

EME

Nota: Registamos com todo o prazer a noticia que o Senhor Luiz de Sousa nos dá, de estar a organizar uma lista de novos assinantes para enviar oportunamente.

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

tratar de assuntos respeitantes ao concelho e para assistir a um almoço oferecido pelo mesmo Governado Civil, no final dos trabalhos. Aceite o convite.

O Estado de São Paulo visto através de um Grande Diário

(Continuação da 1.ª página)

em conhecer, embora apenas por um único número, mas que, pela sua expressão de grandeza e riqueza de conteúdo, nos releva eloquentemente a vitalidade, não só da Grande Cidade de S. Paulo mas de todo o Estado e do próprio Brasil.

É que não há como o jor-dalismo para fazer falar um povo: ele é a voz das nações, nos estados, das cidades, das vilas, e pela sua linguagem se conhece e faz a história.

O registo quotidiano de factos, comentários e notas de reportagem, bem como da crítica dos acontecimentos, retratam-se na película história com toda a sua expressão e fidelidade.

Dum fôlego, como aconteceu neste impressionante caso de S. Paulo, ao pormo-nos em contacto com o seu Extraor-dinário Orgão da Imprensa Diária, pudemos auscultar a vida dum povo, com os seus anseios e manifestações de vitalidade, na política e na ciência, na literatura e na arte, na economia e na finança, na agricultura e na indústria, mesmo na moda e vida familiar, em todas as realidades do viver humano.

Grande função a da Imprensa! O seu poder tanto pode ser utilizado para bem da humanidade como para sua ruína, e assim como pode ser veículo de doentio servilismo, também pode e deve servir os mais altos ideais, como aconteceu no conceituado Orgão de S. Paulo.

Este Diário é bem a expres-

são fiel da grandiosidade de S. Paulo, desse progressivo Estado que está a desempenhar extraordinária função na economia do Brasil, com uma industrialização das proporções da de Volta Redondo, com um a diantadíssimo comércio de exportação e uma agricultura primorosa, explorando em larga escala o café, os citrinos, a mamona e muitas outras espécies preciosas, preparando-se mesmo para produzir azeite em escala comercial.

A actividade cultural da colónia portuguesa em S. Paulo é intensa.

(Continua na 4.ª página)

Album de coisas várias

O pavão delícia, entretém, é um encanto para os olhos, mas nós sabemos quão desagradável é a sua beleza em confronto com a sua voz.

Muitos homens são como o pavão, esse galinácio de pipio repugnante: aperaltados, chistosos, gárrulos de vaidade, adiposos de orgulho, mas sofrendo duma rouquidão tremenda e exalando um cheiro pestilento. Estes espécimens de homens-pavão, andar de ganso e pescoçados entalados nos colarinhos engomados, zumbem e pavoneiam-se por toda a parte e julgam-se bo-tões de real importância no

comando e direcção do funcionamento da telegrafia da vida. São, como as cortezãs da Grécia antiga, os bobos de hoje que, na ribalta do panorama contemporâneo, gozam sabendo-se gozados.

Pechisbeques que são, fracos pusilânimes, escondem-se em suas encadernações de bom cortê e perspectiva ampla copiada de velha ilustração perdida do tabuleiro de algum alfarrobista de feira, transplantando para os outros os tabaréus que eles são. Há quem se julgue e condene julgando e condenando os outros. Nunca fizeram nada na vida e, no entanto, situados em qualquer carunchoso poleiro, pequenos que eram e que são, logo se põem em bicos dos pés como as vaporosas e rendilhadas intérpretes do «ballet». São os daçarinos das mil e uma pantominas que ainda não foram escritas.

Até então não eram ninguém, iludindo a sua voracidade e a sua vileza no rame-rame soturno e plácido das suas ocupações servis, enlatando preconceitos e lambuzando a alma de sonhos e quimeras.

Porém, a vida, nos seus andares por vezes paradoxais impõe a esses espécimens da zoologia humana tarefas que não estão na razão directa das suas aptidões e conhecimentos. Então, o ser obscuro, covarde e insignificante, surge-nos como um timoneiro audaz e temível. O bobo su-

planta o rei ou o imperador, e já não são estes que se divertem mas ele!

Fazem carreira estes pobres e patinados ingredientes asquerosos.

A sua técnica é desprazível, medonha, dolorosamente medonha. Difamam, maldizem, cospem sobre os outros as doenças, as taras, as hemorróidas cerebrais e as fístulas cancerosas que os atormentam, os obcecaram. Hematozoários que engravidam de pústulas o sangue puro e cristalino da vida.

Incapazes dos lugares que disfrutam, apodera-se desta corja nojenta a ânsia, a vileza, a avidez de ganhar dinheiro, dinheiro que amealham. Que avaramente amealham. De esfomeados que eram, não têm lei na senda tenebrosa da poligasticidade. Engordam.

No mundo doente, estes seres replentes são os mais doentes, os paranóicos que vivem sob os piores e mais dolorosos complexos. Aos poucos e poucos vão perdendo a vista e a sensibilidade.

São uns monstros mas julgam-se os bipedes mais humildes, mais normais que pululam na superfície do globo terrestre. Mas, na verdade, vivem na lua, no sonho na fantasia.

Pobres pavões a quem falta o canto!

J.M.(J.)

Anúncias na
«Tribuna Livre»

ANSEIOS DE PAZ

'A mais negra e fatal desilusão,
Acerado punhal em mim cravado,
Logo me abandonou a inspiração
Deixando-me nas trevas mergulhado.

Não mais senti bater o coração
Como dantes batia, entusiasmado
Ao sentimento de qualquer paixão
Fosse ela de pureza ou de pecado.

E agora, talvez por ter descrito
Da falaz ilusão que antigamente
Tão belas cousas disse ao meu ouvido,

Desejo a paz do monje penitente
Que, do mundo também desiludido,
Só crê no amor de Deus Omnipotente.

UERBA

Folhetim da «Tribuna Livre», 16

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

Vinho:—nas mesmas condições.

Fruta:

A fruta, de qualquer espécie, fica pertença minha, dando-te a que houver no quintal que foi sempre destinada aos caseiros.

Devo dizer-te que tudo isto será devidamente descrito no contrato que vamos celebrar e reconhecer no tabalião, se chegarmos a um acordo como espero e é do teu interesse.

—Quanto ao azeite, vinho e fruta é costume, cá no Minho, a fórmula que me apresentou e, por isso, aceito-a; mas quanto ao milho, centeio e feijão é que não estou de acordo.

—Porquê?

Olha que te arrependes... e não casas tão cedo!

—Porque a quinta não é propriedade que justifique tal renda.

Quanto ao arrependimento só se justificaria se a sua proposta fosse em bases aceitáveis, o que não se dá; e o casamento não deixará de se realizar por falta do arrendamento da quinta do Vale.

Há mais Marias na terra...

—Olha que adubada e bem trabalhada dá bom rendimento.

Não te digo isto para te entusiasmar, mas a verdade manda Deus que se diga!

—Dá bom rendimento para o senhor Morgado—que um contrato, em forma, na mão, dá-lhe o direito a receber...

—Então, qual é a tua proposta?

Já deves estar habilitado a fazê-la.

—A minha proposta, e creia que já vou muito além do razoável, do que é lógico e justo, é a seguinte:

- A)—13 carros de milho;
- B)—70 alqueires de centeio;
- C)—50 alqueires de feijão, assim dividido:
 - 1.º—25 alqueires do amarelo;
 - 2.º—10 alqueires do branco;
 - 3.º—10 alqueires do miúdo;
 - 4.º—5 alqueires do do linho.

É o máximo pelo que lhe posso tomar a quinta de arrendamento senhor Morgado.

Vamos conversar e ver se podemos harmonisar as coisas de modo que nem eu nem tu fiquemos prejudicados.

O senhor Morgado dirá...

—Eu proponho que dividamos a meio a diferença que há entre a minha proposta e a sua.

—É inaceitável a sua segunda proposta, senhor Morgado, visto que eu não consigo tirar da terra o necessário para lhe pagar e o suficiente para remunerar o meu trabalho.

E esmola que mata o pobre não se aceita.

—Oh! homem, então por tão pequena diferença vais deixar de casar?

—Não, senhor Morgado; por tão pequena diferença o que vou é deixar de lhe tomar a quinta por arrendamento.

Este facio, em quase nada altera os meus projectos de casamento, pois se não forem estas terras serão outras e eu já tenho umas em vista...

—Ah! sim?!

—E' verdade!

—E são cá, na freguesia?

—Por enquanto isso constitue segredo...

—Pois muito me pesa por não queres substituir o Manuel Gaspar, sendo o meu novo caseiro.

Sei que és bom rapaz e trabalhador e isso era uma garantia absoluta do teu triunfo...

—Paciência!

O senhor Morgado assim o quer, ... ou antes, quer tudo!

—Então quanto acrescentas à tua proposta, a ver se chegamos a acordo?

—Nem mais um grão de milho...

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO **Tribuna de VILA VERDE**

(Continuação da 1.ª página)

A lição de Sá de Miranda frutificou para o seu tempo, sem deixar de ser sempre actual e presente.

A presença dos grandes senhores em suas terras foi sempre um bem; a utilidade da sua residência em seus domínios é incontestável, quanto é certo que os homens gostam de modelar-se por seus superiores, nas suas virtudes e nos seus trabalhos e até junto dos altares, desertos antes da sua presença, servem de guia aos povos, convencidos de que existe e deve glorificar-se o Deus que o homem virtuoso adora.

Quantas vezes, merecendo a confiança de seus súbditos, não eram solicitados por árbitros de litígios familiares e entre vizinhos, a exterminar discórdias, tornando-se em suas terras uma segunda providência e ficando-lhes a suprema consolação de uma missão nobremente exercida, como homens de bem!

E as esposas e as filhas, em vez de perdas entre as multidões anónimas e as grandezas fúteis do mundo, sem resultado, e sem fim, tornavam-se úteis aos infelizes descendo, como enviadas do céu, à choupana dos pobres a espalhar a caridade e o bem, fazendo que os pais e os esposos fossem venerados em vez de mal vistos e odiados!

* * *

Foi toda esta e mais além a magnífica concepção e ideal de Sá de Miranda.

Ele nasceu e cresceu em corpo e sabedoria em Coimbra; percorreu o mundo culto do seu tempo; estimado e admirado de El-Rei D. João III que muitas vezes lhe pediu opinião e conselho e o queria junto de si, oferecendo-lhe as melhores posições na sua corte, antes perfilhou e adotou como suas as terras de Entre-Homem e Cávado, cantando e sublimando as suas belezas, deliciando-se nelas.

É incontestavelmente o Homem de Amares.

Dados históricos do Concelho de Amares

Quando em 1258, as alçadas de Afonso III percorreram o norte do país, a *inquirir* mais uma vez, e com mais insistência, das fontes de receita do Estado, esse grande distrito, que foi inicialmente o Julgado de Bouro, aparece consideravelmente reduzido, pela criação de quatro novos julgados, assim destacados: *Entre Homem e Cávado*, que, junto com aquele, ficou a compreender todas as terras deste modo abrangidas entre os dois rios; fora destes limites naturais, os julgados de *Larim, Vila-Chã e Regalados*.

Embora não seja de todo fácil, a um superficial exame, definir com verdadeiro rigor histórico qual dos dois concelhos hoje existentes, o da Ribeira do Homem (Terras de Bouro) deve considerar-se herdeiro das tradições, daquele primitivo grande julgado, é, porém, certo que, pela razão de ser do seu primeiro assento e sede, bem assim de certas prerrogativas, tudo veio concentrar-se nesse pequeno enclave, que foi de princípio o Couto de Bouro, depois elevado a concelho, e mais tarde junto ao de Entre Homem e Cávado formaram o de *Amares*.

Com excepção dos coutos de Bouro e de Rendufe, o senhorio de todas estas terras, e ainda das de S. João de Rei, entrou na grande Casa de Azevedos (de que foi progenitor aquele célebre D. Arnaldo de Baião) sita entre Prado e Barcelos, isto pelo casamento de *D. Maria Rodrigues de Vasconcelos*, filha do fundador do Solar de Assamaça, Rui ou Rodrigo Anes de Vasconcelos (o trovador), com *Vasco Pais de Azevedo*, senhor do couto e casa deste nome, especial valido de Afonso IV o «Bravo», com quem se achou, acompanhado já de seu filho, *Gonçalo Vasques de Azevedo*, na batalha do Salado.

Passou deste seu filho a seu neto *Diogo Gonçalves de Castro*, assim chamado por ter aí residido; depois ao filho deste, *Lopo Dias de Azevedo* a quem D. João I armou cavaleiro em Aljubarrota, no qual confirmou estes senhorios a 8 de Fevereiro de 1388, estando em Melgaço.

Foi um dos Capitães de Ceuta, onde se encontrou com todos os seus filhos.

Dois deles, Luís de Azevedo e *Lopo de Azevedo*, acharam-se depois, por parte do infante D. Pedro, no fatal encontro de Alfarrobeira.

A Lopo, que era alcaide-mor de Sintra e senhor de Ponte de Sor, da *Casa de Castro com o padroado de Carrazedo*, por lhe haverem cabido em legítima, D. Afonso V ordenou que além de ter ficado prisioneiro (outros dizem que aí pereceu) lhe fossem confiscados todos os seus bens, que então reverteram para a coroa.

Continua no próximo número

Almoço de homenagem ao Senhor Presidente da Câmara

Sob a Presidência do Senhor Doutor Bernardo de Brito Ferreira, reuniram os Snrs. Presidentes das Juntas de freguesias que se faziam acompanhar dos respectivos regedores, a fim de assentar definitivamente o dia em que será prestada a Grande Homenagem ao Senhor Presidente da Câmara, Doutor António dos Santos Ferreira, pela sua recondução na Presidência do Município.

Assim, a grande data, ficou marcada para o dia 26 de Maio próximo, dia em que as Forças Vivas do Concelho manifestarão o seu agrado numa justa homenagem àquele que, alheado de politiquices tem conduzido os destinos do nosso Município com proeminência e produtividade, a contento de todos os municípios.

Grémio da Lavoura

No dia 30 de Março passado, efectuou-se na sede deste organismo a sua sessão ordinária para apreciação do relatório e contas da gerência do ano findo e eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de

1957-59 sendo eleita por unanimidade a Gerência transata que é assim constituída.

Efectivos

Presidente; Doutor Francisco António Gonçalves.

Vogais

Marcelino Alamião Soares de Sousa e João Batista Soares Nogueira.

Substitutos

Presidente; Padre Domingos António da Mota Vieira.

Vogais

Francisco Vieira e António Soares de Macêdo.

Na mesma reunião foi proposto um voto de louvor à Direcção transata e ao seu Gerente Senhor Mário Baccalar Alves, pela forma inteligente como tem desempenhado o seu lugar, louvor a que Tribuna de Vila Verde se associa, por este funcionário estar sempre pronto a atender-nos.

Bombeiros Voluntários

No nosso ultimo número, demos a noticia da última reunião desta Humanitária Instituição, em que tinha sido fechado contrato com a casa Pachancha para a compra de um pronto-socorro, quando é certo

que a compra foi feita à Ca. Peixoto Braga pela quantia de 121.000\$00 segundo nos informou o Senhor Presidente da Direcção, José Santos.

Pela hora adiantada a que demos a anterior noticia, não nos foi possível enaltecer esta aquisição que é a todos os títulos de capital importante para todo o concelho, dada como é certo os benefícios que uma corporação de bombeiros é uma instituição sempre pronta a prestar os seus serviços com risco da própria vida.

Estamos crentes—porque o povo do concelho é bom—que a Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde muito em breve arrecadará a verba que lhe falta para cobrir todas despesas para aquisição de todo o material necessário.

Que todos os vilaverdenses cerrem fileiras para ajudarem a nobre missão a que a Direcção dos Bombeiros Voluntários avalançou e que se ponham de parte certas politiquices que só serve para prejudicar o progresso desta nossa terra, são os votos muitos sinceros.

Deliberações da Câmara Municipal em sua sessão ordinária de 4-4-1957

Ofícios

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, enviando um auto de medição de trabalhos na quantia de 11.195\$00 referente à construção da E. M. de Parada Gatim a Escariz.

Da mesma Direcção, enviando um auto de medição da E. M. de Pico de Regalados, Valbom S. Martinho, e ainda outro auto de medição no valor de 8.059\$00, referente à construção do C. M. de Curoto a Cervães. Mandado satisfazer.

Da Senhora Professora de Cervães, respondendo a um ofício da Câmara, declarando que a escola a seu cargo não do Plano dos Centenários.

Do Senhor Presidente da Junta de Rio Mau, pedindo um subsídio de 2.300\$00 para a restauração do cemitério paroquial. Deferido.

Do Senhor Presidente da Cantina Escolar, de Pico Regalados, pedindo um subsídio para ocorrer às despesas da Cantina. Concedidos 500\$00.

Do Senhor Presidente da Junta de Esqueiros, pedindo subsídio de 2.500\$00 para reparação de caminhos deteriorados pelas ultimas chuvas. Deferido.

Do Senhor Presidente de Cabanelas, pedindo uma participação por conta da recitação do imposto de trabalho para repor algumas fontes e reparar caminhos. Indeferido.

Do Senhor Governador do vil do Distrito de Braga, rogando a comparência do Senhor Presidente da Câmara no dia 2 do corrente, a fim

OS SEGREDOS DA GRANDE PIRÂMIDE

(Continuação do número anterior)

Noto somente que tomando como guia «O livro dos mortos» foi procurada, na exposição interior da pirâmide, a indicação dos grandes factos que passaram depois da sua construção e daqueles que ainda estão para vir. A obra de M. Barbaní é principalmente escrita para fazer conhecer o oráculo das pedras.

Baixos relêvos nenhuns, e nada para se ler. Mas o seguimento dos aposentos está de conformidade com as provas da iniciação antiga. O corredor da entrada é a sala de preparação; parece apenas conduzir a uma segunda galeria descendente, símbolo das fraquezas humanas, e que termina num beco subterrâneo. Mas o arqueólogo que soube mover uma pedra triangular, a pedra escondida, encontra uma passagem horizontal, de abóbada bastante baixa, a «sala de verdade na sombra» que conduz à câmara de rainha, ou «à da Renascença Espiritual». No entanto é apenas o lugar de descanso, à parte. Voltando à passagem ascendente, penetra-se na grande galeria que é muito elevada. É a «sala da verdade na luz».

Continua pelo grande degrau, (começa a preparação). Depois mais duas passagens baixas, símbolos do (cáos) e da humilhação, separadas por uma ante-câmara mais alta, ou «quadro do tiple véu».

Enfim, eis o «quadro do rei», o do «julgamento» com

o «sarcófado» aberto, ou «cofre», cujas medidas são cheias de significações. Eis em suma a chegada à verdade, ao adeptonismo.

Ora, se como já disse, transpuzermos a um outro plano de ideias essa disposição de galerias, somos convidados a ver a verdade inicial, a marcha da humanidade para o seu fim, através das vicissitudes da história. É o sistema que em cada detalhe encontrado (intercepções das linhas do tecto ou do solo, cruzamentos de eixos, intercepções de circunferências, limiares, começos ou fins de galerias, particularidades arquitectónicas etc.), representam uma data marcante na vida humana.

Cada polegada de comprimento médio, corresponderia à duração dum ano; sabendo-se por conseguinte o número de polegadas (ou de anos) que separam dois pontos notáveis, conheceremos a cronologia exacta desses acontecimentos importantes.

A primeira data, determinada por esses cálculos, cuja lista não posso determinar (há bastantes estudos baseados sobre estes assuntos, feitos por Davison, Haberman, Wynnes, etc.), é a data da construção da pirâmide, isto é, um período de cinco mil oitocentos e quarenta e dois anos. A última diz respeito ao ano 2001 da nossa era.

A intercepção do corredor

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)